



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**LUCIANA BARBOSA LIMA**

**A VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA LINGUAGEM DOS  
QUADRINHOS: O CASO DA TURMA DO XAXADO**

**ITABAIANA/SE**

**2017**

**LUCIANA BARBOSA LIMA**

**A VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA LINGUAGEM DOS  
QUADRINHOS: O CASO DA TURMA DO XAXADO**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português.

Orientador: Beto Vianna

**ITABAIANA/SE**

**2017**

# **A VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA LINGUAGEM DOS QUADRINHOS: O CASO DA TURMA DO XAXADO**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português.

Data de Aprovação: Itabaiana – SE, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Beto Vianna  
(Orientador - Universidade Federal de Sergipe)

---

Profa. Ms. Andréia Silva Araujo  
(Examinadora-Universidade Federal de Sergipe)

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus que me guiou em todos os momentos desta caminhada.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe, que sempre me apoiou e me incentivou durante toda a trajetória na Universidade. As minhas irmãs Mônica, Simone e Fabiana por sempre confiarem em mim.

Ao meu orientador Beto Vianna por toda dedicação e colaboração na construção deste trabalho.

Aos meus amigos de curso Adalília, Anailze, Bruna, Claudiane, Jussany, Mayara e Vanderson, que tornaram minhas noites na UFS mais agradáveis.

A todos os professores que passaram por minha vida, desde a educação básica à graduação.

## RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre as variações linguísticas presentes em histórias em quadrinhos, tendo como objeto de análise a obra Turma do Xaxado, de Antônio Cedraz. O trabalho busca, ainda, investigar a formação da identidade dos personagens através da análise da linguagem utilizada. Para isso, procurou-se fazer um estudo das concepções de variação da língua, e posteriormente análise de algumas tirinhas da Turma do Xaxado e da Turma do Chico Bento, fazendo comparação entre as duas. Como embasamento teórico, foram utilizados os escritos de William Labov, assim como outras abordagens de sociolinguística, utilizando escrito de Tércia Ataíde França Teles e Edila Vilanna da Silva e da relação entre linguagem, identidade e política. Procurou-se entender também os signos presentes nos quadrinhos, utilizando para tal os escritos de Ivan Lima Gomes e Paulo Ramos.

Palavras-chave: Linguagem, Identidade, Variação linguística, Histórias em quadrinhos, Turma do Xaxado.

## **ABSTRACT**

The present work is a study about the linguistic variations in comic books, having as an object of analysis the turma do xaxado, of Antônio Cedraz. This work seeks, also, to investigate the formation of the character's identities through the language utilized. In order to accomplish that it was made a study about the conceptions of linguistic variations and afterwards the analysis of some strips from the Turma do Xaxado and Turma do Chico Bento, making comparisons between both. As theoretical background it was used the Works from William Labov, as other approaches from the sociolinguistics such as the Works of Tércia Ataíde França Teles e Edila Vilanna da Silva and the relationship between language, identity and politics. It was sought to comprehend the signs in comics, utilizing as basis for such works of Ivena Lima Goes and Paulo Ramos.

Key-words: Language, Identity, Linguistic Variation, Comic Books, Turma do Xaxado.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 LINGUAGEM E IDENTIDADE .....</b>	<b>10</b>
2.1 Variação e avaliação linguística .....	10
2.2 Linguagem, poder e identidade .....	12
<b>3 A LINGUAGEM NOS QUADRINHOS.....</b>	<b>15</b>
3.1 A história da história em quadrinhos .....	15
3.2 A linguagem dos quadrinhos .....	17
3.3 Quadrinhos e variação .....	19
<b>4 ANÁLISE.....</b>	<b>20</b>
4.1 Método de Análise.....	20
4.2 Turma do Xaxado e turma da Mônica .....	21
4.3 Análise dos quadrinhos .....	22
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>31</b>

## 1 INTODUÇÃO

A proposta desse trabalho é analisar a variação linguística utilizada no gênero quadrinhos, tomando como estudo de caso a obra *1000 tiras em quadrinho: Turma do Xaxado* (CEDRAZ, 2010), como também buscadas na internet; com o objetivo de observar como determinadas variedades regionais brasileiras estão representadas na linguagem dos quadrinhos, e também verificar se somente a fala de alguns personagens são destacadas, diferenciando-se de outros.

As histórias da *Turma do Xaxado* se passam na região nordeste e sua temática simboliza bem a sociedade brasileira, visto que cada personagem se insere em uma classe econômica e possui seu jeito próprio de falar e agir. Percebemos assim como o contexto geral da obra é de extrema importância para a interpretação da sociedade brasileira, visto que se tem uma alusão à mesma através de cada personagem e das histórias e problemas da terra abordados. A turminha é composta pelos personagens principais, que são: Xaxado, Zé Pequeno, Marieta, Arturzinho, Marinês e Capiba. E pelos secundários: o Saci, o padre guloso, os roceiros Tião e Genuíno Gabola, os pais das crianças, o jumento Veneta, o porco Linguicinha, o cachorro Rompe-Ferro, a galinha Odete, o galo Valdisnei, os urubus Gervásio e Genésio e outros. Sendo assim, cada um tende a representar o povo brasileiro, e as historinhas da turma tendem por retratar os problemas do Brasil, provocando uma reflexão no leitor.

Ao analisar os quadrinhos, se tornará possível o levantamento de hipóteses acerca das variações linguísticas de cada personagem, considerando que um fator bastante curioso é a linguagem do personagem Zé Pequeno. A mesma apresenta características que representam a população do Nordeste, sendo que os seus outros colegas apresentam uma linguagem sem as variações, mesmo pertencendo à mesma região que o Zé. É preciso considerar então outros fatores por trás disso, como: questões sociais, culturais, de classe e escolaridade. Desse modo, pretende-se compreender mais um pouco dessa disparidade linguística, da mesma forma que também analisar alguns quadrinhos da *Turma da Mônica*, do autor Mauricio de Souza (PROCOPIO, 2009), mais especificamente os que envolvam o personagem Chico Bento, considerando as características em comum entre este e o personagem Zé Pequeno.

Dessa forma, o trabalho será abordado através da pesquisa meramente documental, sendo assim, não haverá questionário, formulário ou entrevista. Os passos envolvidos no trabalho são: leitura da bibliografia teórica, mais especificamente do autor William Labov, que foi um grande precursor no tema de variação linguística; pesquisa das tirinhas da *Turma do Xaxado* e da *Turma da Mônica*; e conseqüentemente análise da linguagem dos quadrinhos, utilizando para tal o que foi analisado da abordagem teórica.

Uma hipótese que se pode levantar é que, na verdade os quadrinhos não representam exatamente uma variação regional, uma vez que nem todos os personagens mostram traços da fala local. Há apenas o destaque da fala de alguns personagens em relação aos outros, com a intenção de destacar estes em meio aos outros, como analfabetos ou roceiros. Merece mais destaque esse fato, ao passo que tais personagens frequentam a escola, mas continuam a expor a linguagem que é difundida pelos seus pais numa tentativa de repassar essa identidade cultural. O que se observa então é como a sociedade enxerga isso.

## 2 LINGUAGEM E IDENTIDADE

### 2.1 VARIAÇÃO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA

Para adentrar a este assunto sempre vão existir concepções diferentes de vários linguistas, em que se leva em conta o contexto social e histórico. Pode-se citar inicialmente Augusto Schleicher, que exerceu grande importância no século XIX e se baseou em colocar a linguística no campo das ciências naturais. Posteriormente veio o pensamento de Saussure no século XX, que considerava a língua como um sistema invariante, ocupando a Estilística pela fala. Opondo-se a esse pensamento veio Bakhtin (1929) com a concepção de que a língua era construída pelo fenômeno social. A complementar essa visão, veio Jakobson (1960) que considerava a participação do indivíduo em diferentes comunidades linguísticas, e dessa forma, estabelecendo diferentes códigos. Para Benveniste (1968), a língua é considerada um instrumento de análise da sociedade, ao passo que descreve, conceitua e interpreta a experiência social (SILVA).

A partir da construção do que se chamou de Antropologia Linguística, se tornou possível dar origem à Sociolinguística, ao passo que linguagem, cultura e sociedade eram considerados fenômenos inseparáveis (SILVA). Assim, a sociolinguística analisa a relação entre as variações linguísticas e sociais, identificando, portanto, os fatores sociais que interferem na diversidade linguística. Dessa forma, o objetivo da sociolinguística se torna o estudo da língua, em seu contexto social, ou seja, em situações reais de uso.

Dentro desse contexto, é impossível deixar de mencionar as contribuições de William Labov (*Padrões Sociolinguísticos*, 2008), que iniciou os estudos da sociolinguística quantitativa, sobre o qual relacionava diversos fatores como: idade, sexo, ocupação e origem étnica com a fala das pessoas. Tal linguística realizou um trabalho na ilha Martha's Vineyard, observando a pronúncia dos nativos com os fatores quantitativos. Dessa forma, Labov pôde identificar fatores relacionados à explicação na mudança linguística, como: classe socioeconômica, idade, sexo e outros. As contribuições de Labov sem dúvida foram muito importantes para o avanço dos estudos sociolinguísticos. Outro grande pesquisador na área foi Fernando Tarallo, de modo que trouxe um referencial teórico novo para o país, e por

sua pesquisa tratar sobre Teoria, Método e Objeto dos fatos sociolinguísticos. (BORSTEL, 2014).

Pode-se afirmar que sem o contato social não haveria tentativa de comunicação, e dessa forma, podemos considerar a língua como um fato social, sendo que se torna inseparável dos segmentos sociais que a rodeiam. Seguindo esse segmento, se originou a sociolinguística, sendo que foi uma tentativa de combater os estudos puramente estruturalistas da língua, uma vez que essa considera a relação interna da língua, sem observar o contato social.

Segundo Labov, os traços linguísticos e os falantes é que irão determinar o grupo e os distinguir do demais também. Dessa forma, a sociolinguística se constrói na análise da variação que observa e interpreta a língua e a sociedade, caracterizando a variável, ou variante linguística (BORSTEL, 2014). Dessa forma é preciso distinguir variante de variável; a primeira trata-se de diversas maneiras de dizer as mesmas coisas, já variável constitui-se como um conjunto de variantes.

Podemos exemplificar isso através das variantes do plural, por exemplo, que também são expostas nas análises dos quadrinhos neste trabalho. Dessa forma, a colocação ou não do (S) constrói uma variante. E sendo assim, o conjunto de variantes caracterizará a fala de um grupo, que não necessariamente necessitam estar próximos, considerando os vários fatores não linguísticos, como: idade, classe, sexo, gênero. Dessa maneira há um reconhecimento do indivíduo pelo modo de falar, que muito interfere na construção de personalidade que é interpretada externamente. Pelo mesmo processo, algumas variáveis são valorizadas na sociedade, mas aí também se encaixam fatores históricos, como também econômicos. Sendo assim podemos considerar que um dado grupo será mais valorizado que outro pela situação econômica atual e grau de desenvolvimento do mesmo.

Podemos perceber que a variação sociolinguística é algo complexo em sua formação estrutural da língua propriamente dita. Outro ponto a se considerar é que as variantes podem mudar com o tempo e implicar na mudança das variáveis, como conseqüentemente na mensagem transmitida e no prestígio que se tem por um determinado grupo de falantes.

## 2.2 LINGUAGEM, PODER E IDENTIDADE

A língua sempre foi instrumento de poder entre as relações sociais e isso permanece até os dias de hoje, seja em discursos políticos, seja na sala de aula ou nas igrejas. Pode-se afirmar também que sempre houve distinção no que se refere à forma de falar entre as sociedades, tal fato acontece devido a uma associação de poder à língua escrita, de forma que somente com o começo da expansão colonial ibérica que os moldes da gramática greco-latina foram utilizados para valorizar a variedade linguística na escrita (GNERRE, 1991).

Diante da nossa diversidade linguística, e as questões que permeiam o alfabetismo no país, torna-se necessário abandonar o ensino padronizado e adotar uma atitude realista diante da diversidade cultural. Para tal é necessário o engajamento de professores na compreensão de nossa heterogeneidade.

Ao assumir uma atitude preconceituosa e adotar uma língua como a dominante, estaríamos afirmando que não há a possibilidade de haver comunicação entre os outros povos, o que não acontece de fato. Sendo assim se torna necessário a efetiva representação de cada forma linguística sem menospreza-la. Pode-se afirmar que o multilinguismo se torna cada vez mais presente de tal maneira que deixou de ser a exceção e se tornou a regra, sendo assim, fica quase que impossível se estabelecer uma língua padrão.

É necessário entender que por ser um país miscigenado em todos os aspectos, torna-se impossível não haver miscigenação na linguagem. Portanto é preciso assumir uma posição que aceite a diversidade do nosso país, e não uma que queira mudar em decorrência de uma minoria dominante. No entanto tal atitude se torna difícil, uma vez que se tem a necessidade de muita pesquisa e investimento, para que se possa implantar um novo ensino da língua materna no Brasil.

O ensino da língua nativa se torna uma troca mútua, ao ponto que antes mesmo de se inserir na escola, o falante já é detentor de um modo de falar. Tudo o que é produzido a todo o momento envolve a nossa forma de falar, e por isso há uma incoerência quando se afirma que o português correto é o que está na Gramática. É evidente, no entanto que a situação social, econômica e cultural acaba por excluir a maioria dos brasileiros. Mesmo quando se há a tentativa de propor

novas medidas para a democratização, há representatividade apenas da cultura dominante.

Fazer com que a língua materna mude, isto é, seja representada pela forma de falar da maioria implica em dizer que será necessária mudança a nível técnico, como também científico. Implica-se dizer que há necessidade de mudança da atuação das escolas, ao passo que se tornem transformadoras e reprodutoras do seu saber. No entanto isso implica uma aceitação, o que quer dizer que é uma mudança dependente a nível político também.

Dessa forma, seria possível que o ensino/aprendizagem se adequasse a cada um de forma diferente, levando em conta a cultura e posição social de cada aluno. Sendo assim poderíamos implantar no aluno a segurança na fala e sensação de representatividade naquela linguagem. Dois fatores que tem contribuído para mudar o quadro de ensino da língua portuguesa tem sido o avanço dos estudos linguísticos e a inserção de novos e numerosos segmentos da população brasileira nas universidades e nas escolas. Dessa forma, novos estudiosos de vários segmentos e culturas linguísticas estão cada dia mais se especializando para representar uma pequena parte da língua.

Mas é certo que ainda há muito preconceito com a fala do nordeste brasileiro, muito ainda se pensa que é a maneira errada ou feia de falar; paraibanos, baianos e cearenses ainda se defrontam muito com o preconceito quando não estão em seu local de origem. Uma citação que nos remete à distância que ainda há em nossa fala é a de Paul Teyssier:

As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra (TEYSSIER, 1982, p. 79 apud SILVA 2004, p.69).

De certo, seria impossível pensar em haver mudança com uma mentalidade que ainda considera o português hegemônico como o mais correto. Para haver mudança é preciso que a sociedade como um todo leve em consideração as raízes culturais que carrega. É preciso também que a mudança parta da mentalidade daqueles que trabalham no ensino, e que haja como efetivação a mudança na infraestrutura material que apenas o estado pode pôr em prática.

A língua compõe a identidade, sendo que o ser humano se destaca dos outros animais pela sua capacidade de falar. Capacidade esta que se adequa à localização e contexto social, uma vez que as pessoas não falam sempre da mesma maneira. Dessa forma, torna-se até difícil definir uma língua padrão, ou mesmo hierarquizar a mesma, uma vez que não há linguagem melhor ou pior, todas são reflexos de um processo histórico-social. É possível dizer que as escolhas linguísticas são processos inconscientes, que mudam em relação aos papéis sociais que o usuário assume e as diversas situações em que o mesmo se encontra.

A colonização de nosso país é um exemplo da valorização da língua, decorrente de fatores sociais, políticos e econômicos. Isso porque a língua valorizada e escolhida para representar o nosso país foi o português, sendo inclusive intitulada como a norma padrão, mesmo que nosso país represente uma variação de três grupos sociais: o português, o negro e o índio.

Atualmente se percebe a imposição de superioridade do falar urbano em detrimento do rural, condicionando assim um preconceito linguístico. É certo que as inserções do indivíduo ao exercício da cidadania exigem o processo de letramento, de modo que sem este há uma exclusão social. No entanto, não é certo que haja um processo de transição cultural, deve-se instruir o indivíduo ao uso padrão da língua quando necessário.

A inserção no ensino da língua já começa em casa, de modo que exerce grande influência na aprendizagem da criança, como em qualquer aprendizagem, uma vez que unir o conhecimento intelectual ao conhecimento de mundo é que fazem a compreensão de fato. Dessa forma é preciso abandonar a visão hierarquizada da língua, de forma a respeitar as diversas variações linguísticas. Assim Teles (p.3) diz que “devemos pensar a educação sempre em termos intelectuais e transculturais numa perspectiva transdisciplinar, que leve em consideração todas as dimensões do ser humano”.

### **3 A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS**

Sendo este um corpus bastante utilizado nos dias de hoje, sobretudo entre o público infantil, torna-se evidente que se tornou preferência de muitos, e no que se refere às crianças, difundiu nestes um maior apego à leitura, tornando-se esse um hábito para os pequenos. Dessa forma, torna-se necessário entender mais sobre a trajetória desse gênero, buscando analisar os vários códigos nas histórias em quadrinhos e os seus significados.

#### **3.1 A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

As HQs começaram a ser veiculadas no Brasil no século XIX, incorporando o humor. Apesar de muitas histórias criadas, pouco se tem de trabalho sobre o tema, até mesmo pela falta de abertura para a divulgação das mesmas, como se tem hoje. Na Europa, desenvolveu-se uma das primeiras formas de publicação em quadrinhos, que foi em revista, resultando assim no aperfeiçoamento de técnicas de impressão. (SANTOS e HERNANDEZ).

Em 1933 nos Estados Unidos se popularizou as revistas de histórias em quadrinhos, com o nome de comic-book. Inicialmente eram publicadas tiras já editadas em jornais, até que em dois anos depois foram divulgadas histórias inéditas. Já na França, por volta de 1960, chegaram às livrarias os álbuns em quadrinhos, que consistiam em publicações anuais, com a história completa de personagens.

A partir do final dos anos 1970 se difundiram as graphic novels, que puxaram mais o interesse do público adulto, por abordar temas relevantes para a época, como Guerra nuclear, violência urbana e conservadorismo político. É possível observar que as histórias em quadrinhos tiveram momentos de grandes produções, como também de crises, de forma que em alguns momentos se adequavam a modelos estrangeiros, e em outros mostravam originalidade. Só se foi possível à produção de jornais e outros veículos impressos, com a chegada da família real em 1808, mas por haver a predominância de áreas rurais e alto índice de

analfabetismo, essas questões acabavam dificultando a propagação das histórias em quadrinhos.

As primeiras histórias em quadrinhos no Brasil foram desenvolvidas pelo artista e jornalista ítalo-brasileiro Angelo Agostini, a partir de 1867, que difundia charges políticas, criticando a monarquia e defendendo a abolição da escravatura. A revista TICO-TICO foi um marco na indústria editorial brasileira, onde se dirigia a infância no país, e enfrentou pressão por todas as partes em relação a seus méritos educacionais. No entanto, a revista respondia sempre firme com relação a seus objetivos didáticos; o problema foi a não adaptação à concorrência, que fez com que a mesma fosse aos poucos perdendo leitores (GOMES).

A partir do momento em que a história em quadrinhos passa a ser trabalhada de forma mais usual nas escolas, tornando-se motivo de estímulo governamental inclusive, tem-se a necessidade de entender mais desse gênero para que pudesse haver sua melhor implementação. Hoje em dia, tornou-se um gênero, que não só é bastante implantado nas escolas, como ganhou diversas vertentes, e acabou por agradar a diversos públicos.

### 3.2A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS

A definição de história em quadrinhos se torna difícil, uma vez que os pesquisadores apresentam conceitos diferentes, e considerando também que tal obra envolve características de gêneros complexos. Para Roman Gourben (1979, p.35) as histórias em quadrinhos são uma estrutura narrativa formada pela sequência progressiva de pictogramas nos quais podem ser encaixados elementos de escrita fonética. Já Antonio Cagnin (1975, p.25) considera que a história em quadrinhos é um sistema narrativo formado por dois códigos gráficos, que são a imagem e a linguagem (PESSOA, 2016).

Outra consideração a se levar em conta é a de Vergueiro (20014, p.31) ao afirmar que as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos: o verbal e o visual, de forma que se complementam para que a mensagem seja entendida em plenitude (PESSOA, 2016). Através da análise de Ramos (2007) é possível inferir que histórias em quadrinhos não passam de um rótulo, uma vez que as mesmas unem características de vários gêneros. Seguindo o pensamento de Mingueneau (2004,2005,2006) é possível classificar o HQ como um hipergênero, uma vez que agrega característica de vários gêneros em si (RAMOS, 2010).

Pode-se inferir então, que a história em quadrinhos ao unir dois códigos torna possível uma leitura plena, de forma que se eliminem as fronteiras entre a leitura verbal e visual. Dessa forma, pode-se entender que há uma aceleração em relação à percepção do texto, uma vez que no texto meramente verbal, o leitor tem que projetar o que ler em imagem. Torna-se necessário entender a composição dos quadrinhos, e para tal começa-se pela sua menor unidade, que é a tira. A mesma condensa diversos elementos da cena narrativa, ao passo que pode apresentar diversos signos. No que se refere à narração, a mesma pode ser: subjetiva (quando toda a história é narrada em primeira pessoa); onisciente (quando a história é narrada em terceira pessoa e sabe-se o pensamento de todos os personagens) e complementar (quando narração é fragmentada por diversos tipos de discursos, interpretados por mais de um personagem). (PESSOA, 2016).

Outro aspecto dos quadrinhos são os balões, que também sintetizam a onomatopeia, uma vez que há diversos tipos de balões e cada um representa uma entonação diferente. Desse modo, pode-se inferir que o autor precisa integrar o

diálogo no balão, e ainda realizar a representação gestual. Para tal, é preciso muito engajamento com o tempo de cada quadrinho, para não gerar uma sequência monótona. A forma como o balão se apresenta também infere na interpretação do quadrinho, uma vez que pode ser balão-fala, balão-pensamento, balão-cochicho, balão-berro, alterando, portanto, o contorno: contínuo, ondulado, pontilhado ou explosivo.

Nitidamente a semiótica está presente nos quadrinhos, uma vez que a mesma considera como texto qualquer objeto que signifique, ou seja, um filme, uma música, uma receita. O sentido do texto é explicado como resultado de um percurso com três níveis que se completam, de forma que a semiótica busca explicar como são construídos o sentido e o entendimento através da junção desses níveis.

A construção do sentido se faz através do nível narrativo, que se apresenta por elementos complexos e concretos e nível discursivo, onde se observa a instância de enunciação e o enunciado. A semiótica pretende entender, portanto, a organização do sentido, uma vez que há várias formas de deixar o texto mais concreto, como o uso de figuras por exemplo (LOPES e HERNANDES, 2009).

A construção dos personagens é outro ponto importante, sendo que envolve a criação de suas formas de se expressar, como sua forma física. É importante considerar que o local em que o personagem se insere reflete em sua personalidade, e conseqüentemente, a forma que é vista pelo leitor.

Manter o equilíbrio na trama também se insere como trabalhar as questões psicológicas de cada personagem, de forma que se evita a monotonia durante a leitura dos quadrinhos. Um ponto importante nisto é a criação de personagens coadjuvantes, que complementam as características dos principais, atentando-se ao fato daquele não se sobrepor a esse.

As criações dos cenários contribuem para a construção de sentido das tirinhas, pois a ambientação reforça as emoções, que se pretende passar. A tonalidade também é um ponto importante, tanto para os personagens, quanto para os quadrinhos, uma vez que personagens sombrios usam cores frias, enquanto que os mais alegres usam tons mais claros e cores fortes. Isso também acontece com o ambiente, sendo que com tonalidades quentes reforçam a ideia de calor, e tons frios, representam o frio.

### 3.3 QUADRINHOS E VARIAÇÃO

A utilização de diferentes gêneros textuais para o ensino contribui para uma dinamização das atividades escolares, como também conscientização das diferentes culturas. Enquadram-se aí os quadrinhos, ao ponto que difundi o verbal com o visual, tornando-se uma modalidade mais dinâmica que amplia a compreensão do leitor e o aproxima mais da vivência dos personagens, como também dos traços culturais do mesmo.

Assim, ao unir a linguagem verbal e a não verbal, as HQs apresentam-se como uma forma diferente de narrativa, com grande potencial comunicativo, na qual é feita a descrição do quadro, da situação, das ações e a forma de diálogo e cuja interpretação pressupõe a relação com a cultura, com a formação social e a visão de mundo do leitor. (BARROS, 2012, p.7)

Outro ponto relevante são as questões abordadas no gênero HQ, sendo que os mesmos possibilitam a utilização dos mais diversos temas, de modo que podem ser aplicados em qualquer área e grupo social. É possível inferir a partir disso que o uso de HQs possibilita a interpretação textual de uma forma mais dinâmica entre os alunos, e conseqüentemente com relação às diversidades linguísticas.

É nítida a necessidade de valorização da diversidade linguística, sem que haja depreciação de outras formas da língua, para que se possa compreender que deve-se ser feito uso tanto da forma linguística mais usual, do dia-a-dia, como a formal. Para tal, as histórias em quadrinhos se tornam um ótimo instrumento de trabalho, ao passo que ganharam tanto o público infantil como adulto.

## 4 ANÁLISE

### 4.1 MÉTODO E ANÁLISE

O trabalho se baseou na pesquisa documental, sendo essa bastante importante na pesquisa qualitativa e usada de forma abrangente nas ciências humanas. Dessa forma, a abordagem foi realizada pela análise de obras que abordam a temática das variações linguísticas, tendo como corpus analisado as histórias da *Turma do Xaxado*, pertencente ao gênero história em quadrinho.

O tipo de observação utilizado foi o sistemático, visto que há um planejamento prévio. Considerando que a pesquisa foi meramente documental, não houve entrevistas, questionários ou formulários, compondo assim uma técnica de análise de conteúdo. O método abordado foi o hipotético dedutivo, visto que se iniciou com um problema, que no nosso caso é a abordagem da linguagem na *Turma do Xaxado* e como essa linguagem é trabalhada entre os personagens. Posteriormente foi feita observação de alguns quadrinhos da *Turma do Xaxado*, como também a comparação deste com a *Turma da Mônica* para que assim possa haver a formação de hipóteses.

## 4.2 TURMA DO XAXADO E TURMA DA MÔNICA

A *turma da Mônica*, obra do cartunista Mauricio De Souza, se iniciou em 1959 com o Franjinha e Bidu como os principais personagens (JUNIOR, 2011). Hoje em dia as principais histórias são as passadas por Cebolinha e Mônica, no entanto há outras turminhas, retratando outras histórias, que são Turma do Chico Bento, Turma da Tina, Turma da Mata e do Penadinho. A turminha é composta por vários personagens principais e secundários, o que explica a criação de revistas individuais para as histórias de cada um. Os principais personagens são Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali e Chico Bento. A ênfase do trabalho está voltada à *Turma do Chico Bento*, uma vez que suas características se assemelham à *Turma do Xaxado*.

Podemos perceber que nas histórias do Chico estão difundidos princípios que também são trabalhados na *Turma do Xaxado*, e tendem por exaltar a cultura do Nordeste, como: uma atribuição de religiosidade ligada às belezas da natureza, preocupação em se passar boas maneiras para o filho e em o mesmo seguir nos trabalhos da roça, como o pai.

Dessa forma, tais gêneros textuais difundem uma outra cultura, que possivelmente possa ser diferente da do leitor, erradicando o preconceito linguístico. Quando aplicado ao público infantil se torna um grande difusor de conhecimentos, como também incentivador da leitura.

### 4.3 ANÁLISE DOS QUADRINHOS

XAXADO / Antonio Cedraz



Figura 1

Fonte: <http://turmadoxaxado.blogspot.com.br/>

Através dessa tirinha podemos perceber a fala diferente do personagem Zé Pequeno em relação ao personagem Xaxado, mesmo que os dois pertençam ao mesmo ambiente, e dessa forma poder-se-ia inferir as mesmas variações da linguagem. O uso do “i” ao invés do “e” na fala do personagem Zé Pequeno como mostra o balão, tem a intenção de intensificar essa vogal, de forma a mostrar que ele é um personagem que tem uma fala de um personagem pobre. Outro ponto a ser destacado é o uso do acento aguda na vogal “a”, intensificando mais uma vez essa marca característica. No entanto, muitos de nós falamos sem colocar o verbo no infinitivo, e nem nos damos conta de que falamos errado; se torna preciso então o quadrinho retratando a fala de um personagem do sertão para nos darmos conta de que na fala dele julgamos tal marca como errada.

XAXADO / Antonio Cedraz



Figura 2

Fonte: [http://fiqueoelhoturminha.blogspot.com.br/2014/09/tiras-da-turma-do-xaxado-eleicoes\\_14.html](http://fiqueoelhoturminha.blogspot.com.br/2014/09/tiras-da-turma-do-xaxado-eleicoes_14.html)

Podemos observar nessa tirinha marcas características de uma linguagem que busca ser mais prática, não se adequando às normas do português, como por exemplo: “sê”, “pió”, “ficá”, fator característico de uma cultura que tem tais marcas linguísticas como cotidianas. Podemos observar também o uso do “i” ao invés do “e”, como no balão anterior, que é o caso da palavra “pirdido” e “qui”. Outra marca característica é a falta de concordância de número, uma vez que o personagem fala “nas eleição” ao invés de “nas eleições”; fator esse que é subentendido como falta de instrução escolar, uma vez que as crianças que passam colocam a concordância na fala, uma vez que dizem “parece que vamos ter”.



**Figura 3**

Fonte: <http://turmadoxaxado.blogspot.com.br/>

Nesse quadrinho podemos perceber mais uma vez a falta de adequação de número, sendo que os personagens falam “5 conto” e “15 conto”, como também o uso do “i” ao invés do “e” em “sirviço”, exemplificando mais uma vez um traço de uma sociedade sem instrução ao estudo e que geralmente é pobre. Podemos perceber também o uso de duas palavras muito características da região Nordeste, que são “oxente” e “minino”, com a troca mais uma vez das vogais.



Figura 4

Fonte: <http://turmadoxaxado.blogspot.com.br/>

Em tal quadrinho podemos perceber uma redundância na fala do personagem Zé Pequeno ao mencionar “A semana toda, inclusive domingo?”, atribuindo o lado humorístico do quadrinho. Podemos perceber também duas marcas do dialeto nordestino, que são “vixi Maria” e “cansera danada”, deixando dessa forma o quadrinho bem característico mesmo que só enquadrando um personagem na linguagem local.

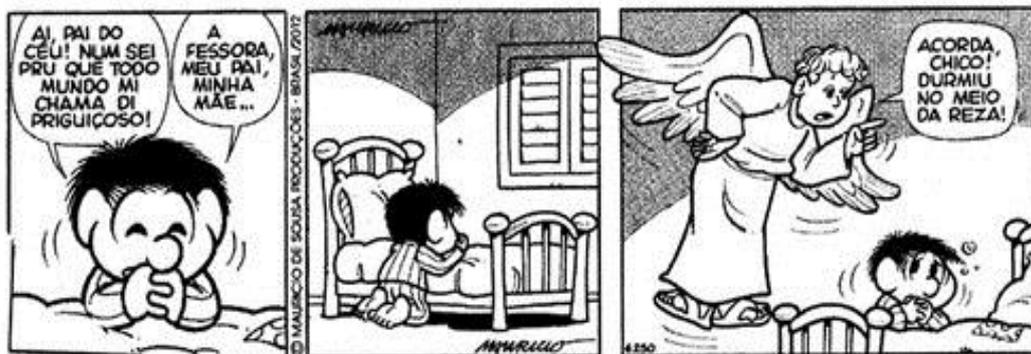


Figura 5

Fonte: <https://br.pinterest.com/ademirfragnani/chico-bento/>

Nesse quadrinho há mais um tom humorista, uma vez que o personagem Chico Bento dorme ao citar as pessoas que o chamam de preguiçoso. Há troca do “e” pelo “i”, como também troca do “o” pelo “u”. Tais marcas servem como reflexão, uma vez que também usamos tais trocas em nosso dia-a-dia. Uma coisa que se torna mais característica é a troca da ordem entre o “u” e o “i” em “pru que”. Dessa forma a tirinha pretende mostrar algumas marcas características das pessoas do

Nordeste, como também nos alertarmos ao fato de discriminarmos a fala destas pessoas, sem nos darmos conta que muitas vezes usamos as mesmas.



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6614

Figura 6

Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

XAXADO / Antonio Cedraz



Figura 7

Fonte: <http://turmadoxaxado.blogspot.com.br/>

Em ambos os quadrinhos vemos a ligação dos personagens Zé Pequeno e Chico Bento com os estudos. Em ambos é notado um desleixo em relação aos estudos, mais uma sábia reflexão que os autores fazem da nossa sociedade, uma vez que é comum associarmos as pessoas da roça como desleixadas ou sem futuro para os estudos. No primeiro quadrinho podemos observar algumas marcas da oralidade do falante, como: “fessora” ao invés de professora e “inda” substituindo ainda. É possível ver também a substituição do “e” pelo “i”, mais uma vez como nos quadrinhos citados anteriormente, em: “senhora”, “mi” “qui”, “di”, “hoji”. Tais marcas

mostram a falta de distinção entre o “e” e o “i”, presentes na fala de alguns falantes da região Nordeste, talvez por falta de instrução. No entanto, não é certo afirmar que apenas as pessoas de tal região apresentem tal marca na fala, uma vez que nem todos pronunciam o “e” corretamente, deixando sua evidência apenas quando este é acentuado. Outro ponto interessante na fala do Chico é o uso do “u” ao invés do “o”, em: “pur”, “pruque”, exemplificando mais uma representação da fala de muitos, uma vez que fica quase que imperceptível à distinção entre o som do “o” e do “u” o som do u fica quase que imperceptível à diferença. Na segunda tirinha há um tom humorístico em o personagem usar a analogia de pescar nas provas com o ato de fato. Também há troca do “e” pelo “i” e o contraste entre as falas dos personagens. Há outras marcas da oralidade, como acentuação desnecessária em algumas palavras para mostrar a entonação que se tem na fala: “déiz”, “pêxe”, exemplificando também a introdução e retirada do “i”.

**XAXADO** / Antonio Cedraz



**Figura 8**

Fonte: <http://turmadoxaxado.blogspot.com.br/>



**Figura 9**

Fonte: <https://wordsofleisure.com/2012/11/17/tirinha-do-dia-chico-bento-e-as-maravilhas-do-mundo/>

Ao comparar tais tirinhas notamos a alusão que se tem de que o ‘roceiro’ é preguiçoso, isso porque Zé Pequeno tem preguiça em acordar e Chico Bento cita as férias como uma das coisas mais maravilhosas. Notam-se palavras interessantes na primeira tirinha como: “óio”, “farta” e “cumigo”, muito intrínsecas normalmente na fala de pessoas da roça.



Figura 10

Fonte: <http://turmadoxaxado.blogspot.com.br/>



Figura 11

Fonte: <http://toninho05.blogspot.com.br/2014/04/tirinhas-do-chico-bento.html>

As duas tirinhas trazem um lado interessante das alusões das coisas para os personagens presentes nas duas turminhas. No primeiro caso, o extraordinário está em os personagens Xaxado e Zé Pequeno considerarem o saci aleijado como aquele que tem as duas pernas, no entanto tal fato só é mostrado no final da tirinha compondo a representação necessária para o humor com efeito surpresa. Até compor o desfecho da tira, Xaxado tenta convencer Zé de que a forma correta de falar é deficiente físico e não “alejado” como este diz, sem se atentar ao fato de corrigir o mesmo quanto à forma correta de dizer aleijado. Na segunda tirinha, mais uma vez há a formação do humor surpreendente quando Chico Bento para de

observar as nuvens e deixa Rosinha de lado por conta da chuva. Podemos perceber representações características da fala do pessoal do sertão como: “faiz”, “bunita”, “di” e “qui”. Outro ponto a se considerar é a falta de concordância verbal em “as nuvem”, exemplificando algo característico da fala das pessoas dessa região que não se atentam a esse erro, que se estabelece por falta de instrução, ou por repetição de uma linguagem que se tem na família, como é o caso da personagem.



**Figura 12**

Fonte: <http://turmadodoxado.blogspot.com.br/>



**Figura 13**

Fonte: <http://dicasdeportugues.com/tirinha-chico-bento/>

Observando a questão metodológica primeiramente, as duas trazem valores culturais e de crença, uma vez que o Zé Pequeno lê um conto folclórico e o Chico Bento cria uma confusão ao seu amigo ao afirmar que os dois tem o mesmo pai, e logo este fica a imaginar que o Chico também é herdeiro das terras, não se alertando ao fator de irmandade que o Chico quis representar, que é o de todos sermos filhos de Deus. Do ponto de vista linguístico observamos códigos os quais se tornam presentes na fala de tais personagens pela região que os mesmos habitam, no entanto, considerando que para o quadrinho da turma do Xaxado apenas o personagem Zé Pequeno apresenta variações, enquanto que para os da Turma do Chico Bento todos apresentam, é o que podemos testemunhar com a fala do amigo do Chico que apresenta marcas como: “inté”, “donde”, “arcança”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar algumas tirinhas do corpus trabalhado, pode-se perceber que a variação da língua dos personagens Zé Pequeno e Chico Bento não possui atribuição a uma variação regional, uma vez que a maioria dos personagens tem uma fala neutra. Dessa forma, ao mostrar somente tais personagens citados e suas famílias com uma linguagem diferente dos demais da sociedade, os autores tentam mostrar a marginalização daqueles que não tem conhecimento da linguagem de acordo com as normas gramaticais. Inteligentemente, os autores perceberam que isso se associaria ao analfabetismo, mesmo que represente, no entanto, uma variedade regional.

No que se refere aos quadrinhos da *Turma do Chico Bento*, percebe-se que as variações se expressam em todos os personagens, omitindo apenas a professora. Tem-se com isso o intuito de associar a atribuição de inteligente e detentor da fala correta àquele que estuda. Enquanto que o restante, que é normalmente trabalhador braçal e os seus filhos a ideia de que falam errado, e que assim devem permanecer, sem que haja, portanto, a possibilidade de uma ascensão social e profissional. Dessa forma, esse contexto nos possibilita uma reflexão acerca da falta de oportunidades iguais a todos em nosso país.

Em relação à aplicação de tal corpus, tornou-se evidente o quanto isso se torna importante no contexto escolar, ao ponto que estimulam a interpretação textual. O contexto exterior a este possibilita o intenso contato com outras representações culturais, como também interpretação de valores e situações sociais em nosso país. Percebemos assim o quão vasto e importante é esse gênero textual, evidenciando assim a necessidade de sua aplicação.

Pode-se considerar por fim que se torna importante acabar com a definição de língua correta ou hegemônica, sendo que as línguas compõem uma representação social, e dessa forma se tornam válidas qualquer forma da mesma. O trabalho pretende, pois, instruir o grau de importância desse assunto, adequando o mesmo ao âmbito das histórias em quadrinhos. Espera-se que tal tema não só tenha se tornado motivo de conscientização, como contribuição para mais estudos nesse âmbito, e conseqüentemente, tema de posteriores trabalhos.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de. **Diversidade linguística com a turma da Mônica em uma aula de português**. Volume 2. Campo Grande: Web Revista SOCIODIALETO, novembro de 2012.

BORSTEL. Clarice Nadir von. **Sociolinguística: teoria, método e objeto em pesquisas in loco**. Volume 4. Campo Grande: Web Revista SOCIODIALETO, maio de 2014.

CEDRAZ, Antônio. **1000 tiras em quadrinho: Turma do Xaxado**. 1 ed. São Paulo: Martin Claret, 2010. –(Coleção Turma do Xaxado; 3).

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GOMES, Ivan Lima. **Uma breve introdução à história das histórias em quadrinhos no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ.

JUNIOR, André. **A História da Turma da Mônica**. 2011.

LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton. **Semiótica: objetivos e práticas**. São Paulo: Contexto, 2009. p: 245 à 284.

PESSOA, Alberto Ricardo. **A linguagem das histórias em quadrinhos: definições, elementos e gêneros**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. **Os imaginários sócio-discursivos sobre o homem do campo difundidos pelos quadrinhos de Chico Bento**. Revista **Investigações**. Vol. 22, nº 2, julho, 2009.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 1 ed.1ª reimpressão. -São Paulo: Contexto, 2010.

SANTOS, Roberto Elísio dos; HERNANDEZ, Lucas. **Memória da história em quadrinhos no Brasil**. USCS.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **O português são dois**: novas fronteiras, velhos problemas. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p: 27 à 36; 63 à 78.

SILVA, Edila Vianna da. **A pesquisa sociolinguística: a teoria da variação**.

TELES, Tércia Ataíde França. **Linguagem e identidade social - uma abordagem sociolinguística**.